

Dicionário temático infantil (DTI): uma proposta de elaboração para o português do Brasil

¹Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves -UNESP

RESUMO: Assim como o livro didático, o dicionário é ferramenta importante no processo ensino/aprendizagem e ocupa um espaço cada vez maior nas pesquisas acadêmicas, além de ser foco de análises. Nosso objeto de estudo centra-se nas obras do tipo 2, previamente analisadas e aprovadas pelo Programa Nacional do livro didático - Ministério da Educação e Cultura—PNLD-MEC-2006. Pretendemos elaborar, a partir da análise dessas obras e de constructos teóricos lexicológicos e lexicográficos, uma proposta de dicionário temático infantil estruturado em campos. No presente artigo, nosso objetivo é analisar a microestrutura dos dicionários do tipo2, que servirá de base para a confecção de nosso trabalho final de doutorado.

RÉSUMÉE: Comme le livre didactique, le dictionnaire est un outil important dans le processus d'apprentissage et il joue un rôle de plus en plus expressif dans les recherches académiques, outre d'être le focus d'analyses. Notre objet d'études se situe au sein d'oeuvres du genre 2, analysées et éprouvées avant par le Programme National du livre didactique (Programa Nacional do livro didático) – Ministério da Educação e Cultura – PNLD-MEC-2006. Nous avons l'objectif d'élaborer, après l'analyse de ces oeuvres et des théories lexicologiques et lexicografiques, un propos de dictionnaire tématicque pour les enfants structuré en champs. Dans cet article-ci, notre objectif est faire une analyse sur la micro structure des dictionnaires du genre 2, qui servira comme base pour la construction de notre travail final de doctorat.

1. Introdução

O dicionário tem ocupado, cada vez mais, um lugar de destaque no processo de ensino e aprendizagem. Prova disso é a iniciativa do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em incluí-los no Programa Nacional do Livro Didático, criado em 1985 que tem como objetivo analisar, escolher e distribuir gratuitamente livros para alunos do ensino fundamental das escolas públicas.

O PNLD (como é conhecido) é coordenado pela Secretaria de Educação Básica do Ministério (SEB), através do Departamento de Políticas da Educação Infantil e Ensino Fundamental e da Coordenação de Estudos e avaliação de materiais de natureza didática e pedagógica.

Desde 2001 o dicionário passou a fazer parte das obras que compõem o PNLD e, assim como os livros didáticos, também é objeto de criteriosas análises de especialistas de diversas áreas, incluindo professores universitários, técnicos do Ministério e linguístas.

De acordo com o Programa, os dicionários são divididos em 3 acervos: 1, 2 e 3 visando o público-alvo, o nível de ensino e a quantidade de verbetes:

Público-alvo	Acervos	Ensino Fundamental de oito anos	Ensino Fundamental de nove anos
Turmas em fase de alfabetização	Acervo 1 Composto por dicionários de Tipo 1 e Tipo 2	1ª e 2ª séries	1º ao 3º ano
Turmas em processo de desenvolvimento da língua escrita	Acervo 2 Composto por dicionários de Tipo 2 e Tipo 3	3ª e 4ª séries	4º e 5º anos

Assim, de acordo com o PNLD 2006, nos são apresentados os seguintes tipos de dicionários:

Dicionários de tipo 1: mínimo de 1000, máximo de 3000 verbetes; proposta lexicográfica adequada à introdução do alfabetizando ao gênero dicionário.

Dicionários de tipo 2: mínimo de 3.500, máximo de 10.000 verbetes; proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita.

Dicionários de tipo 3: mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão, porém adequada a alunos das últimas séries do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

¹ sheilacgoncalves@yahoo.com.br; sheilacgoncalves@uft.edu.br.

Nosso objeto de estudo está centrado nos dicionários denominados pelo PNLD/MEC 2006 de “Dicionários do tipo 2”, ou seja, aqueles que apresentam um número mínimo de 3.500 a 10.000 verbetes e são destinados a turmas em processo de desenvolvimento da língua escrita, a saber: (i) *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Ilustrado com a Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo Caldas Aulete*, editora Nova Fronteira, 2005; (ii) *Dicionário Ilustrado de Português* de Maria Tereza Biderman, editora Ática; 2004 e (iii) *Dicionário da Língua Portuguesa ilustrado*, editora Saraiva Júnior, 2005.

Pretendemos, como trabalho final de doutorado, apresentar uma proposta de dicionário temático infantil de língua portuguesa para alunos em fase de consolidação do domínio da escrita. Para tanto, utilizaremos os pressupostos da Lexicologia e da Lexicografia, privilegiando a teoria dos campos léxicos. Como metodologia para a execução de nossa proposta, adotamos os seguintes critérios: (i) seleção dos dicionários do tipo 2, previamente analisados e aprovados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), citados acima; (ii) análise da macro e microestrutura das obras selecionadas; (iii) seleção dos campos temáticos a partir de pesquisas realizadas com alunos de escolas públicas e particulares e (iv) seleção das unidades léxicas para a nomenclatura do DTI a partir dos campos temáticos selecionados e organizados onomasiologicamente.

No âmbito deste trabalho, pretendemos analisar a microestrutura dos dicionários do tipo 2, que servirá de base para a construção do DTI, entre elas as informações relativas à cabeça do verbete: variantes ortográficas, pronúncia ou ortoépia, indicação da classe gramatical, indicação da etimologia, indicação das marcas de uso, definição e exemplos.

2. Análise da microestrutura dos dicionários do tipo 2

Iniciaremos nossas discussões apresentando diversas definições de microestrutura. Para Rey-Debove, por exemplo, microestrutura é “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada.”(REY-DEBOVE, 1971 apud WELKER, p.107).”

Haensch afirma

Considera se que o verbete é a unidade mínima autônoma em que se organiza o dicionário. É formado pelo lema, que é a unidade léxica tratada e pelas informações prestadas nesta unidade. Entende-se como microestrutura a ordenação dos elementos que compõem o verbete lexicográfico. (Tradução nossa) (HAENSCH, 1997, P.41) ²

Para Baldinger, “a microestrutura responde à pergunta sobre as diversas acepções da palavra.” (BALDINGER, 1960 apud WELKER, 2004, P.107). Welker chama à atenção para o fato de Rey-Debove considerar que a microestrutura deve ser organizada de forma “constante, padronizada”, ao mesmo tempo que admite “grau zero de informação”, uma vez que “não existem os mesmos tipos de informação para todos os lemas.” (2004, p.107).

Hausmann & Wiegand (1989 apud WELKER, 2004, p.107) consideram a concepção de Rey-Debove clássica e considera que “pode haver diversas formas de microestrutura” (WELKER, 2004, p.108).

Wiegand distingue dois conceitos: “microestrutura concreta – “aquela que se vê em determinado verbete” e “abstrata – aquele programa constante de informações” (apud WELKER, 2004, p.108).

Welker (2004) afirma que, desde que se estabeleça um padrão, o lexicógrafo pode elaborar qualquer tipo de microestrutura, caso contrário, a leitura dos verbetes se torna uma árdua tarefa. Acrescentaríamos a esta afirmação a necessidade de se estruturar-la ao tipo de dicionário produzido e ao consulente a quem a obra vai dirigida, a fim de adequar a informação que se oferece no verbete, com a informação que este consulente procurará.

Zavaglia (2010, p.75) considera que “a coerência interna e a padronização das microestruturas dos verbetes é algo imprescindível para o bom uso de um dicionário, dado que facilita a absorção do conteúdo das informações de forma linear, ou seja, sem desvios e complicações”.

A autora acrescenta que “o lexicógrafo pode inserir qualquer tipo de informação em sua microestrutura e, conseqüentemente, pode elaborar qualquer tipo de enunciado lexicográfico”. (2010, p.75). Concordamos com a autora, entretanto acrescentamos o que afirma Medina (2003, p. 105)

² se considera que el artículo lexicográfico es la unidad mínima autônoma em que se organiza el diccionario. Está formado por el lema, que es la unidad léxica tratada, y por las informaciones que se proporcionan acerca de esa unidad. Se entiende como microestructura la ordenación de los elementos que componen el artículo lexicográfico.

As informações recolhidas por cada dicionário podem variar em função do propósito do dicionário, de seus usuários ou outros fatores. Assim, os dicionários podem coletar informações sobre a etimologia, a pronúncia e a ortografia, a categoria gramatical e o número, as restrições de uso (que indicam se a unidade da língua tem plena vigência na língua, se se utiliza em uma determinada área geográfica, se é própria de uma determinada profissão ou atividade ou se está restrita a um determinado nível ou registro lingüístico etc) os sinônimos e antônimos, as combinações léxicas em que aparecem, os aspectos sintáticos relevantes (como se constroem as preposições, as limitações combinatórias etc), as irregularidades morfológicas (plurais irregulares, participios passados, conjugações verbais etc) e, claro, as definições das diversas acepções com seus exemplos de uso.³

Assim, discutiremos os mais importantes tipos de informações que se encontram na microestrutura e, por uma questão de organização, iniciaremos nossa explanação pelo que denominaremos “cabeça de verbete”, aliás, segundo Welker (2004, p. 110), é uma expressão pouco conhecida que equivale a tradução literal do alemão *Artikelkopf*.

2.1 Cabeça de verbete

Segundo Welker (2004, p.110) a cabeça do verbete compreende “o lema e as informações anteriores à definição ou às definições (ou equivalentes, nos dicionários bilíngües), a saber: variantes ortográficas, pronúncia, categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, a etimologia e as marcas de uso”.

Zavaglia afirma que “entende-se por cabeça de verbete todas as informações que antecedem a definição e pospõem-se ao lema ou a palavra-entrada”. (2010, p.76).

Vejam como algumas dessas informações foram tratadas nas obras:

2.1.1 Variantes ortográficas

A título de exemplificação, selecionamos aleatoriamente, dos dicionários do tipo 2, objetos desta pesquisa: acrobata/acróbata, basquetebol/basquete; nenê/neném; vôlei/voleibol; abdome/abdômen; assobiar/assoviar; cãibra/câimbra e encontramos a seguinte situação:

	Dicionário escolar da Língua Portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau amarelo	Dicionário ilustrado de Português de Maria T.C.Biderman	Dicionário da Língua Portuguesa ilustrado Saraiva Júnior
acrobata/acrobata	Registra acrobacia e, ao final, após o símbolo que significa “início de derivadas” registra acrobata e acrobático.	Não há registro	Registra juntamente com a entrada: acrobata ou acróbata
basquetebol/basquete	Registra juntamente com a entrada: basquete, basquetebol.	Registra apenas basquete.	Registra juntamente com a entrada: basquetebol ou basquete
vôlei/voleibol	Registra vôlei e logo após o contexto “esporte”, no início da definição, aparece Vôlei [ou voleibol] é um jogo (...)	Registra apenas vôlei.	Registra vôlei sugere V. voleibol. Já em voleibol sugere F.red. vôlei. As abreviaturas “V” e “F.red.”, usadas na obra, significam respectivamente “veja e forma reduzida.”

³ las informaciones recogidas por cada diccionario pueden variar em función del propósito del diccionario, de sus usuarios y destinatários o de otros factores. Asi, los diccionarios pueden recoger información sobre la etimología, la pronunciación y la ortografía, la categoría gramatical y el número, las restricciones de uso (que señalan si esa unidad tiene plena vigência em la lengua, si se utiliza em uma determinada área geográfica, si es propia de una determinada profesión o actividad, o si está restringida a um determinado nível o registro lingüístico etc) los sinônimos y antônimos, las combinaciones léxicas em que aparece, los aspectos sintáticos relevantes (las preposiciones com que se construye, las limitaciones combinatórias, etc.), las irregularidades morfológicas (plurales irregulares, participios de pasado, conjugaciones verbales, etc), y, por supuesto, las definiciones de las diversas acepciones, com sus ejemplos de uso.

nenê/neném	Não há registro.	Registra apenas nenê.	Registra juntamente com a entrada: nenê ou neném
Abdome/abdômen	Registra a entrada como abdome.	Registra a entrada como abdômen e, ao final, a título de observação registra: Obs.: variante abdome.	Registra juntamente com a entrada: abdome ou abdômen.
assobiar/assoviar	Registra assobiar, assoviar juntamente com a entrada	Registra “assobio” e, ao final, a título de observação, registra: Obs.: variante assovio.	Registra juntamente com a entrada: assobiar ou assoviar.
Cãibra/câimbra	Não há registro.	Não há registro.	Não há registro.

Diante desse levantamento, alguns questionamentos se fazem necessários: qual é o critério adotado pelos dicionaristas, uma vez que, até mesmo no interior da mesma obra, percebemos que não houve padronização no tratamento das variantes ortográficas, tais como: o dicionário Saraiva que optou por registrar a variante juntamente com a entrada, em voleibol considerou a forma vôlei como forma reduzida, porém registra as duas formas na entrada quando se trata de basquete/basquetebol.

O Dicionário escolar da língua Portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau amarelo, optou por registrar a variante juntamente com a entrada, mas em acrobata/acróbata, registra, ao final do verbete, apenas acrobata como derivada. Em vôlei, após a entrada “vôlei”, aparece a informação “esporte” e, logo após vôlei [ou voleibol].

O dicionário ilustrado de Português de Maria T.C.Biderman, das 7 opções selecionadas, registrou apenas abdômen/abdome; assobio/assovio. No primeiro caso (abdômen), a autora, após a entrada, registra a categoria gramatical, a divisão silábica, o lexema barriga, seguido do exemplo. Após o exemplo, aparece o plural de abdômen e a abreviatura da palavra observação (obs.) seguida da variante abdome.

No segundo caso, o dicionário registra assobio seguido da categoria gramatical, separação silábica, as definições (a de número 1 diz respeito ao instrumento usado para se produzir o som do sopro, seguida do seu respectivo sinônimo); a acepção de número 2 registra o som produzido pelos lábios. A definição aparece seguida do exemplo e, assim, como eu abdômen, a abreviatura da palavra observação (obs.), seguida da variante assovio.

2.1.2 A pronúncia ou ortoépia

Para Welker (2004, p.112) “a pronúncia só precisa ser indicada nos casos em que não existam regras claras”. Zavaglia considera que “a indicação da pronúncia em um dicionário monolíngue de português pode ser uma ferramenta importante para estrangeiros que estejam aprendendo nossa língua. (2010, p.81).

Concordamos com a autora e acrescentamos que, em casos de obras como essas que estamos analisando, ou seja, dicionário do tipo 2, monolíngues, destinados a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita, acreditamos que as informações relativas à indicação de abertura e fechamento das vogais se fazem importantes, além do registro da pronúncia de palavras de origem estrangeira.

Assim como no item anterior, selecionamos aleatoriamente alguns exemplos e fomos buscar nas obras como se deu a indicação da pronúncia. Vejamos:

	Dicionário escolar da Língua Portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau amarelo	Dicionário ilustrado de Português de Maria T.C.Biderman	Dicionário da Língua Portuguesa ilustrado Saraiva Júnior
Forma/forma	Registra duas entradas para forma, porém não numeradas. Na primeira, após a entrada, aparece a divisão silábica e a indicação de abertura da	Registra, após a entrada, a categoria gramática, a divisão silábica e a indicação de fechamento da vogal tônica [ô].	Registra, após a entrada, a divisão silábica e a indicação de fechamento da vogal tônica (ô). Ao final do verbete, registra Cf.

	vogal tônica (ó) . Na segunda entrada, da mesma forma, após a divisão silábica, a indicação de fechamento da vogal tônica.(ô)		forma (ó) Cf. confronte, compare)
Colher/Colher	Registra duas entradas para colher, porém não numeradas. Na primeira, após a entrada, aparece a divisão silábica e a indicação de abertura da vogal tônica (é) . Na segunda entrada, da mesma forma, após a divisão silábica, a indicação de fechamento da vogal tônica.(ê)	Registra duas entradas para colher. Na primeira (colher ¹), após a entrada, aparece a categoria gramatical seguida da divisão silábica e a indicação de abertura da vogal tônica [é] . Na segunda entrada (colher ²), da mesma forma, após a divisão silábica a indicação de fechamento da vogal tônica.[ê]	Registra, após a entrada, a divisão silábica e a indicação de abertura da vogal tônica. (é)
Seca/seca	Não há registro	Registra, após a entrada, a indicação da categoria gramatical, a divisão silábica e a indicação de fechamento da vogal tônica [ê]	Registra, após a entrada, a divisão silábica e a indicação de fechamento da vogal tônica (ê). Ao final do verbete, registra Cf. seca (é) e secas (é), do v.secar. Cf. confronte, compare)
Olho/olho	Registra, após a entrada, a indicação de fechamento da vogal (ô).	Registra, após a entrada, a indicação da categoria gramatical, a divisão silábica e a indicação de fechamento da vogal tônica [ô]. Ao final do verbete, a indicação de plural seguida de indicação de abertura da sílaba tônica [ó].	Registra, após a entrada, a divisão silábica e a indicação de fechamento da sílaba tônica (ô). Ao final do verbete, registra o plural olhos (ó).
Byte	Não há registro	Registra, após a entrada, a categoria gramatical seguida da definição e, ao final “ver bit.”	Não há registro
Megabyte	Não há registro	Registra após a entrada, a categoria gramatical seguida da definição e, ao final, “Obs. Palavra inglesa incorporada ao vocabulário da língua portuguesa e que é pronunciada megabite.”	Não há registro
Show	Registra, após a entrada, a indicação que se trata de um domínio	Registra após a entrada, a categoria gramatical seguida da definição e,	Registra, após a entrada, a divisão silábica e a transcrição fonética

	específico e a indicação da pronúncia (inglês; pronúncia:chôu)	ao final, “Obs. Palavra inglesa incorporada ao vocabulário da língua portuguesa e que é pronunciada xou.”	(xôu).
Shopping	Registra, após a entrada, a indicação que se trata de um domínio específico e a indicação da pronúncia (inglês; pronúncia:chópin cênter)	Registra após a entrada, a categoria gramatical seguida da definição e, ao final, “Obs. Palavra inglesa incorporada ao vocabulário da língua portuguesa e que é pronunciada xópim”	Registra, após a entrada, a divisão silábica e a transcrição fonética (xópim).

A partir desse levantamento, podemos concluir que o tratamento dado à pronúncia difere de obra para obra e, novamente, até dentro da mesma obra, como é o caso do dicionário ilustrado de português de Maria T.C.Biderman, que registra após a entrada forma, a categoria gramatical, a divisão silábica e a indicação de abertura e fechamento das vogais. Da mesma forma procede em “seca” e “olho”. Porém, oferece tratamento diferenciado em “colher” registrando duas entradas.

No tratamento dos estrangeirismos, o dicionário de Biderman registra apenas dois dos quatro exemplos selecionados por nós, mas nesses casos, adota o mesmo tratamento: informa ao consulente que se trata de um domínio específico, seguido da indicação da pronúncia.

No Dicionário escolar da língua Portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau amarelo podemos verificar certa padronização quanto ao tratamento dado à pronúncia ou ortoépia: a obra optou por registrar duas entradas não numeradas seguidas da divisão silábica e indicação de abertura e/ou fechamento da vogal tônica, como é o caso de forma, colher e olho.

Quanto aos estrangeirismos, das três opções apresentadas, apenas uma (shopping) foi encontrada. Nesse caso, o dicionário registra, após a entrada, a indicação do domínio específico seguida da pronúncia.

O dicionário Saraiva Júnior registra, em “forma”, após a entrada, a divisão silábica, seguida da indicação de abertura/fechamento da vogal e, ao final do verbete, a indicação de “confronte, compare” com “forma (ó)”. Oferece o mesmo tratamento em “seca”. Mas no caso de “colher”, registra, após a entrada, a divisão silábica e a indicação de abertura da vogal tônica (é), mas não indica a informação “confronte, compare”. Já “olho”, registra, após a entrada, a divisão silábica e a indicação de fechamento da sílaba tônica (ô), seguidos do plural olhos (ó).

No caso dos estrangeirismos, oferece o mesmo tratamento aos dois estrangeirismos encontrados: a entrada seguida da divisão silábica e a transcrição fonética.

2.1.3 Indicação da classe gramatical

A indicação da classe gramatical aparece nas três obras infantis selecionadas de forma abreviada comprovando o que afirma Welker (2004, p.115) “a indicação da classe gramatical a que pertence o lexema é indicada em praticamente todos os dicionários.” A única diferente reside no fato de que, em uma das três obras (Dicionário ilustrado de M.T. Biderman) ela aparece em forma menos abreviada (adj.; s.mascul.; s.fem.), enquanto nas outras duas, o registro se faz assim: sm.; sf.; v. As obras indicam também a divisão silábica e a indicação da sílaba tônica.

2.1.4 Indicação da etimologia

Zavaglia (2010) afirma que a indicação da etimologia é quase sempre oferecida pelos dicionários monolíngues de grande porte. Nos dicionários didáticos infantis selecionados, não encontramos o registro da origem das palavras.

2.1.5 Indicação das marcas de uso

É uma unanimidade entre lexicógrafos e dicionaristas a opinião de que o registro das marcas de uso não é uma tarefa fácil. Borba “reconhece que a falta de levantamento (oral e escrito) é [...] a grande dificuldade enfrentada pelos dicionaristas” e cita os “fatores de risco como a migração de palavras ou acepções” (BORBA, 2003 apud WELKER, 2004, p.132).

Zavaglia concorda com o autor e acrescenta:

é desejável que os dicionários monolíngues de língua geral tragam essas marcas de uso, mas é necessário também que o consulente tenha em mente a dificuldade enfrentada pelo lexicógrafo ao registrá-las em seus verbetes. Para isso, o lexicógrafo deveria, na introdução de sua obra, deixar bem clara a sua posição quanto a esse campo, além de explicar o uso e a forma de apresentação dos termos em sua marcação. (ZAVAGLIA, 2010, p.88)

As marcas de uso não apresentam o mesmo tratamento nos dicionários infantis analisados. Vejamos o quadro abaixo, que demonstra como foram tratados os lexemas: xixi e urina; bumbum/nádegas/bunda, que, a nosso ver, deveriam ter sido registrados como variações diastráticas, ou seja, coloquiais do mesmo lexema.

	Dicionário escolar da Língua Portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau amarelo	Dicionário ilustrado de Português de Maria T.C.Biderman	Dicionário da Língua Portuguesa ilustrado Saraiva Júnior
Xixi	Familiar. Xixi é a urina.	Urina. Mamãe trocou...	Fam. Urina (Xexéu tomou...)
Urina	Líquido que se forma nos rins, passa para a bexiga e é eliminado do corpo.[=xixi]	Líquido amarelado e transparente, formado nos rins e eliminado pelo corpo. ▲ sinônimo xixi	Líquido amarelo que se forma...
Bumbum	Popular. Bumbum é a parte	Nádegas. A menina caiu...	1. Som de tambor. 2. fam. Nádegas, bunda.
Nádegas	Chamamos de nádegas a parte de trás do corpo entre as costas e as pernas. [=BUMBUM].	Nádega Cada uma das partes cheias...	1. Cada uma das partes com músculo e gordura que ficam acima das coxas.) ▼Nádegas 2. traseiro, bunda (Nicole caiu...)
Bunda	Não há registro	Não há registro	Nádegas.

Em todas as obras, as marcas de uso são registradas. Entretanto, o registro se dá de diferentes formas: no dicionário ilustrado de português de Maria T.C. Biderman, por exemplo, não há registro de marcas de uso nos lexemas acima selecionados. Entretanto, em casos de entradas como “acarajé”, a autora optou por fazê-lo por meio do exemplo sem, entretanto, poder ser caracterizada como marca de uso: “acarajé s.masc. a.ca.ra.jé. Bolinho frito feito com massa de feijão e recheio de camarão. O acarajé é uma comida baiana de origem africana.”

Nas outras duas obras, as marcas de uso posicionam-se logo após a categoria gramatical. Em relação ao lexema xixi, duas obras o consideram de uso “familiar”. Já urina faz referência a xixi apenas no dicionário escolar ilustrado do Sítio do Pica-pau amarelo e na obra de Biderman. Bumbum recebe o registro de “popular” no dicionário ilustrado do Sítio, mas é familiar para o Saraiva. Nádegas não recebe nenhum registro, faz referência a bumbum apenas no dicionário ilustrado do Sítio do Pica-pau amarelo. Biderman registra “nádega” e não “nádegas”, não registra nenhuma marca de uso e não faz qualquer remissão, enquanto Saraiva faz referência a nádegas e bunda.

2.1.6 Definição

O principal componente do dicionário é, sem dúvida nenhuma, a definição, conceito esse que tem sido muito discutido entre lexicógrafos. Para Zavaglia (2010, p.92) a definição não é tarefa fácil, mas é “nessa etapa que o lexicógrafo poderá demonstrar toda a sua engenhosidade e propriedade linguística, o que certamente fará a diferença em sua obra final.” Segundo Imbs, “a arte suprema, em lexicografia é a da definição.” (1960 apud Welker 2004, p.117). Mas o que significa exatamente definir?

No âmbito deste trabalho, tomaremos Biderman e as suas considerações acerca da definição. Na prática lexicográfica, segundo Biderman (1993, p.32), a definição “é uma paráfrase da palavra a ser definida, uma paráfrase que se equivale semanticamente a ela.” Para a autora (1993, p.34), “o lexicógrafo faz uma

análise semântica da palavra a ser definida. Nessa tarefa, o definidor deve ser rigoroso, estabelecendo uma equação sêmica e não uma adivinhação para que o definiendum seja identificado sem ambigüidade”.

Além disso, de acordo com Biderman (1993), não devemos empregar o mesmo tipo de definição a todas as categorias gramaticais, devido às peculiaridades e características inerentes de cada uma delas. A autora (1993) propõe seis tipos de definições para os substantivos:

- i) sinonímica que, de acordo com Biderman, deve ser evitada;
- ii) metonímica, ou seja, aquela que estabelece uma relação de contigüidade;
- iii) hiperonímica, que faz uso do gênero próximo e das diferenças específicas.
- iv) enumerativa, que cita várias definições para definir a entrada;
- v) aproximativa que é uma definição mostrativa e usa expressões tais como “espécie de” ou “tipo de” e
- vi) antonímica, que, segundo a autora, não faz uma análise interna do definiendum, mas externa e baseia-se na hipótese da existência de pares contrários.

Especialmente no que diz respeito às definições encontradas nos dicionários do tipo 2, os autores das obras informam:

“As definições são elucidativas a partir de seu próprio enunciado, para o que se usam palavras simples, que formam não definições, mas explicações, às vezes em nível coloquial, em que a palavra elucidada está em sua função natural na própria frase que a explica.” (Dicionário ilustrado com a turma do Sítio do Pica-pau amarelo). (2005, p.10)

“A definição da palavra utilizará vocabulário simples e acessível ao universo da criança. Através do exemplo de uso dessa mesma palavra, destacada com um traço embaixo, o leitor poderá apreender o sentido de cada termo.” (Dicionário ilustrado de português de Maria T.C. Bideman, 2004, p.8)

“A proposta lexicográfica deste dicionário está adequada ao nível de escolaridade dos alunos da quatro primeiras séries do ensino fundamental, que se encontram em fase de consolidação do domínio da escrita e em pleno processo de construção da cidadania. Os verbetes apresentam definições claras e analíticas. A ordem das acepções segue prioritariamente a frequência de uso.(...) Um grande acervo de informações amplia o campo semântico (sinônimos, antônimos, locuções e expressões idiomáticas, estrangeirismos, etc) e esclarece os diferentes usos de uma mesma palavra (exemplos, indicações de contextos etc). A percepção dos significados e dos usos de cada vocábulo vem acompanhada de informações morfológicas, gramaticais e semânticas.”(Saraiva Júnior, 2005, p.III)

Importante nesse momento refletirmos sobre diversos pontos: o dicionário ilustrado com a turma do Sítio não adota um padrão pré-estabelecido em relação ao modo de construção das definições. Apenas informa aos consulentes que elas serão elucidativas, mas não serão propriamente definições e sim, explicações e completa: “a palavra elucidativa está em sua função natural”. Difícil descobrir a que tipo de definição o autor estaria se referindo, ou ainda o que vem a ser o emprego de uma palavra em sua “função natural”. A que o autor se refere exatamente nesse momento?

O Dicionário ilustrado de português de Maria T.C. Biderman também adota a mesma postura, quando não informa o tipo de definição que pretende empregar e oferece “dicas” apenas sobre a linguagem: “vocabulário simples e acessível ao universo da criança”.

Apenas o dicionário Saraiva Júnior faz uma pequena referência às definições apontando para o fato de que elas serão “claras e analíticas”, seguirão a frequência de uso, terão informações semânticas, morfológicas e gramaticais.

Nesse sentido, concluímos citando Zavaglia que afirma:

é importante que se estabeleçam normas ou padrões ou diretrizes ou qualquer outra denominação que seja, para a feitura da definição nesse tipo de obra lexicográfica para todos os tipos de acervo e para todos os tipos de dicionários, classificados como Acervo A, B e C. Caso contrário, o que continuará a encontrar será uma diversidade imensa de redações lexicográficas, cujos objetivos e bases teóricas são incompreensíveis ou até mesmo inexistentes como se observa, atualmente (...) (ZAVAGLIA, 2010, p.94)

Concordando com a autora, também acreditamos que a ausência de adoção de uma ou outra proposta de definição contribui sobremaneira para a credibilidade (ou por que não a falta dela!) da obra.

2.1.7 Exemplos

Welker afirma que “não há unanimidade nos dicionários monolíngues no que diz respeito ao conceito de exemplo.” (2004, p.150). Para ele, os autores se posicionam de diferentes maneiras: Rey-Debove afirma que “qualquer sintagma no qual aparece o lema é um exemplo”; Hausmann restringe os exemplos a frases.” (WELKER, 2004, p.150).

Segundo Welker, a concepção mais difundida de abonação é “frase ou trecho de frase encontrada em texto autêntico” e “procurada antigamente nos bons autores.”(2004, p.150). Entretanto, para o autor, “exemplos deveriam ser definidos como enunciados (que podem ser abreviados) e ser tipograficamente distinguidos dos outros elementos.” (2004,p.150).

De acordo com essa concepção, “exemplo seria a mesma coisa que abonação, se esta palavra for definida como no DUP: “frase ou trecho de frase que serve para exemplificar uma acepção ou uma construção sintática dos dicionários.” (WELKER, 2004, p.150).

Zavaglia afirma da necessidade de se tratar as diferenças entre exemplo autêntico, abonação, exemplo forjado e exemplo adaptado e se posiciona: “enquanto toda abonação é um exemplo autêntico, nem todo exemplo autêntico é uma abonação.” (2010, p.101).

A autora faz diferença entre exemplo e abonação: esta é “aquela frase escrita por um grande escritor, podendo ser retirada de um livro ou de uma coleção de livros literários (*corpus*) que pode refletir, não raro, um uso idiossincrásico do autor”, aquela “frase escrita extraída de um *corpus* cuja origem não necessariamente é a literária, ao contrário, pode ser a jornalística, por exemplo, que reflete o uso real daquela unidade lexical”. (ZAVAGLIA, 2010, p.101).

Zavaglia cita, ainda, que exemplo inventado, criado ou forjado é “aquele elaborado pelo lexicógrafo, a partir de sua intuição, que pode refletir o uso correto de uma sintaxe, mas não necessariamente o uso real” e exemplo adaptado é aquele que “geralmente é baseado em *corpus*, ou seja, extraído de um banco de dados, reescrito pelo lexicógrafo, fazendo com que o uso seja real”. (2010, p.101).

Os três dicionários infantis analisados no âmbito deste trabalho citam que incluíram os exemplos na construção de seus verbetes. Entretanto, eles o fazem de maneira totalmente distinta: no dicionário ilustrado de M.T.Biderman, encontramos exemplos em todos os verbetes e, no início da obra, em texto intitulado “Como usar este dicionário”, informações acerca de como o exemplo foi construído: “a frase de exemplo mostra como a palavra é usada. Isto ajuda você a entender melhor o significado dela.”

O dicionário do Sítio do Pica-pau amarelo afirma que os exemplos (um ou mais) foram ali colocados “em itálico, depois da definição, sempre que necessário” e tem o papel de “mostrar o uso de uma palavra.” Por outro lado, o Saraiva Jr afirma apenas que “em boa parte das acepções, exemplos auxiliam o aluno na compreensão dos empregos possíveis para dado vocábulo.”

Outras informações podem ser também encontradas na microestrutura de um dicionário: sinônimos, antônimos, expressões idiomáticas, além do sistema de remissivas.

Após essa análise, passaremos à apresentação da estrutura das definições de nossa proposta de dicionário temático infantil de língua portuguesa – DTI, que é o objetivo principal deste trabalho.

3. A microestrutura do DTI: as entradas

Importante registrar que a escolha das entradas que comporão o DTI se fizeram seguindo a seguinte metodologia de trabalho: inicialmente realizamos uma pesquisa de campo que objetivou selecionar os campos temáticos. Para tanto, entrevistamos, no primeiro semestre do ano de 2009, um total de 700 (setecentos) alunos que cursavam o sexto ano do ensino fundamental de diferentes escolas públicas municipais, estaduais e particulares da cidade de Uberlândia, escolhidas aleatoriamente.

Após a pesquisa de campo, tabulamos os dados para selecionar quais foram os dez campos mais votados pelos alunos e, portanto, quais fariam parte da nossa proposta de DTI. Importante registrar que todos aos campos apresentados na pesquisa tiveram seus lexemas selecionados. Os campos mais citados pelos alunos foram: animais, brincadeiras e jogos, brinquedos infantis, esportes, informática, instrumentos musicais, meios de transporte, parentesco, plantas, vestuário e acessórios.

A partir dos campos temáticos selecionados pelos alunos para compor o DTI, percorremos as obras que compõem o nosso *corpus* em busca dos lexemas que poderiam se organizar tematicamente. A lista desses lexemas perfizeram um total de 838 entradas.

3.1 Composição das entradas

As entradas do DTI contemplarão diferentes classes de palavras, estarão dispostas individualmente, em letra minúscula, na cor azul, em negrito, letra Bodoni MT, tamanho 14, dentro do campo temático a que pertencem e em ordem alfabética. Os substantivos e adjetivos apresentar-se-ão no masculino e singular. As palavras de origem estrangeira serão grafadas em itálico com a indicação da língua de origem e os verbos no infinitivo.

Após a entrada, entre parênteses, aparecerá a divisão silábica, separada por ponto e com a sílaba tônica sublinhada, isto é, aquela sílaba que é pronunciada com mais intensidade. No caso dos monossílabos,

a entrada será repetida, para mostrar que não se é possível dividi-la. Nos casos em que duas vogais seguidas não permitem definir se estão ou não na mesma sílaba, usaremos os dois pontos (:). Exemplo: ca. ná. ri: o. Nos casos das palavras estrangeiras, o dicionário não apresentará essa informação, apenas a palavra escrita em itálico, seguida da língua de origem.

Logo após a divisão silábica, vem a classe gramatical que aparecerá abreviada, constará na lista de abreviaturas e siglas e ao final de cada página, após uma barra e indicará se a palavra é um substantivo ou um adjetivo. Quando o substantivo não altera a forma, e sim outro elemento para indicar a mudança de gênero, por exemplo, o repórter, a repórter, será informado ao consulente que se trata de um substantivo de dois gêneros.

Também se o substantivo se referir a ambos os sexos sem mudar a forma nem o elemento determinante, no caso de a pessoa ou a testemunha, também será informado ao consulente que se trata de um substantivo sobrecomum. Assim, como se se tratar de um substantivo epiceno jacaré macho, jacaré fêmea e os adjetivos de dois gêneros. Essas indicações aparecerão logo após a categoria gramatical.

Após informar a classe gramatical, o dicionário apresentará a informação relativa à pronúncia (ou ortoépia) entre colchetes, em casos de dúvidas, ou toda vez que se tratar de uma palavra de origem estrangeira ou quando o acento da sílaba tônica mudar do som fechado para o aberto ou ainda quando a palavra for utilizada no feminino ou plural e mudar o timbre da vogal tônica, fenômeno conhecido por metafonía. Exemplos: [ô], [ó], [olho/olhos.]

Em seguida a pronúncia, a obra informará a definição. Acerca da definição, retomaremos Biderman(1993) para melhor esclarecermos sobre nossa proposta. Segundo a autora, não devemos empregar o mesmo tipo de definição a todas as categorias gramaticais, devido às peculiaridades e características inerentes de cada uma delas.

Entretanto, os verbetes do DTI apresentarão definições claras, construídas com uma linguagem simples e acessível ao aluno/público-alvo, sempre considerando os campos temáticos selecionados. Assim, em casos de nomes como “arbusto, canela e cipó”, por exemplo, as definições iniciar-se-ão a partir do hiperônimo “planta”; “águia, anu, araponga, azulão” – pelo hiperônimo “ave”; “aranha, barata, borboleta” – “inseto”; “aeronave, avião, barco, carro – “meio de transporte”; ‘guitarra, violão, piano – instrumento musical” etc.

As definições também poderão ser metonímicas – “bolsa, mochila, bota” – “Tipo de sacola., calçado...”; “bainha, alça, fecho-ecler”- “parte das peças do vestuário que...”ou ainda enumerativas no caso dos termos usados na informática: “e-mail: correio eletrônico usado para troca de mensagens por meio de computadores...”

Importante citar que pretendemos adotar coerência nos procedimentos adotados no modo de construir as definições dos lexemas pertencentes a cada campo temático e que os esclarecimentos necessários constarão nas páginas introdutórias de nossa proposta.

Logo após a definição, aparecerá, em itálico, o exemplo que tem como objetivo ajudar o consulente a entender melhor o significado. A palavra que está sendo explicada aparecerá sublinhada.

Ao final do verbete (modelo abaixo), o consulente também poderá encontrar diversas informações, tais como: as palavras compostas, inclusive acompanhada de seus plurais, o plural das formas não regulares, ou seja, aquelas palavras que não formam o plural acrescentando-se um “s”, por exemplo flor/flores; cidadão/cidadãos, os plurais com multiplicidade de formas, cirurgião/cirurgiãos/cirurgiães , os femininos duvidosos ou irregulares, os superlativos absolutos sintéticos aparecerão sob a abreviatura (Superl.), (quando irregulares, duvidosos ou com multiplicidade de formas), exemplo: doce – dulcíssimo, docíssimo. As informações relativas aos sinônimos e antônimos serão tratadas após as abreviaturas (Sin.) e (Ant.), além das expressões idiomáticas e locuções mais comuns.

Também será informado ao consulente se a palavra é um regionalismo, ou seja, pertencente a uma determinada região ou informações sobre o nível de linguagem (popular, figurada, familiar, chula, depreciativo, gíria) ou ainda se pertence à determinada área de conhecimento, se a palavra costuma ser usada em outra categoria gramatical também será informado no verbete antecedida de um sinal, se possui abreviatura.

Nossa metodologia basear-se-á inicialmente na observação dos registros realizados pelos autores dos dicionários do tipo 2 e, posteriormente, em casos de dúvidas ou discordância pretendemos realizar uma pesquisa em grandes autores.

O aumentativo irregular da palavra virá acompanhado da abreviatura (Aum.), assim como os diminutivos da abreviatura (Dim.). Também será informado se a palavra é uma variação de uma palavra tratada no verbete. Por exemplo, miúdo/miúdos.

No caso dos homônimos, ou seja, os vocábulos de origens diferentes, que possuem a mesma grafia, a mesma pronúncia, mas cujo sentido é diferente serão remetidos a outro verbete. Manga fruta estará em alimento e fará referência à manga parte da roupa que estará em vestuário. Caso o homônimo não pertença aos campos temáticos tratados no DTI, o consulente será informado que se trata de um homônimo.

As remissões serão tratadas da seguinte forma: nos casos em que o verbete também fizer parte de um novo campo temático por nós selecionado, ele aparecerá evidenciado por um sinal, ou ainda nos casos em que o verbete levar a outro verbete com derivação similar, complementar ou ainda poder ser escrito de outra forma ou que possa auxiliar o consulente no melhor entendimento da definição.

As palavras de baixo calão e registros vulgares não serão registradas no DTI, justamente por não constarem entre os campos registrados em pesquisa realizada. A obra contemplará todas as letras K, W, Y

Concluindo: todas as entradas apresentarão a divisão silábica separada por ponto, a sílaba tônica sublinhada, a classe gramatical, gênero ou transitividade, irregularidades de flexão, pronúncia dos empréstimos e indicação daquelas entradas que podem gerar dúvidas aos alunos. As demais informações serão tratadas sempre tendo em vista o objetivo principal de auxiliar o aluno na compreensão do lexema que ele procura.

3.1.1 Modelo de verbete do DTI

Entrada +divisão silábica + classe gramatical + pronúncia + definição + exemplo + palavras compostas+ plural irregular + femininos duvidosos ou irregulares+ superlativos + sinônimos + antônimos + expressões idiomáticas + locuções + aumentativo + diminutivo + variação + remissão

3.1.2 Exemplos do DTI :

Campo temático: Plantas

Alecrim (a.le.crim) sm Planta, cujos ramos e folhas, bem estreitas com cheiro agradável e muito forte, são usados para fazer condimentos, remédios, chás, perfumes etc. As abelhas gostam muito da flor do alecrim. Pl. alecrins.

Canela (ca.ne.la) sf Planta originária do Ceilão, cuja casca é usada em pedaços ou em pó na culinária para dar sabor aos alimentos ou para fins medicinais. Adoro mingau com muita canela .

Corpo Humano



Coca (co.ca) sf [ó] Planta cujas folhas e cascas são utilizados na fabricação de drogas como o crack e a cocaína. A coca é uma droga que acaba com a vida das pessoas.

Alimentos



Pau-Brasil (pau-Bra.sil) sf Árvore brasileira, cuja madeira tem tons avermelhados ou alaranjados, forte e dura, usada em marcenaria e da qual é extraída uma substância utilizada no tingimento de tecidos. O nome dado ao nosso país pelos portugueses teve origem no nome desta árvore. A árvore do pau-Brasil está ameaçada de extinção. Pl. paus-brasil e paus-brasis.

Relva (rel.va) sf [é] Erva rasteira que cobre o solo. A relva do jardim lembra um tapete verde. Sin. Gramado.

4. Conclusão

Inicialmente, necessário se faz destacarmos a importância da reformulação proposta pelo Programa Nacional do livro didático, que, a partir de 2001, incluiu os dicionários na lista de obras que também passariam por criteriosas análises de especialistas. Essa reformulação proporcionou um grande avanço e por que não “uma melhoria da qualidade dos dicionários ditos escolares.” (DAMIN, C. PERUZZO, M.S., 2006). Concordamos com as autoras e acrescentamos que, se antes de 2001 não dispúnhamos de nenhum parâmetro avaliador de um dicionário escolar, realmente, podemos registrar um avanço.

Outro ponto a considerar, a nosso ver, é o reconhecimento da importância do dicionário como instrumento que auxilia no processo de ensino e aprendizagem, caracterizando-se como um recurso didático

de extrema importância, como muito bem afirma Krieger (2006, p. 2): “embora os dicionários de língua não possam ser classificados como livros didáticos stricto sensu, seu potencial pedagógico é indubitável [...]”.

Acrescentamos à reformulação proposta pelo PNLD-MEC 2006 e a importância do dicionário como recurso didático importante, o fato de que, o projeto lexicográfico que envolve a confecção de um dicionário atravessa diversos pontos e deve ser cuidadosamente (re) pensado. A análise da microestrutura dos dicionários do tipo 2, nosso objeto de estudo, demonstra a amplitude dessas questões inerentes ao fazer lexicográfico.

Assim, considerando a proposta do presente artigo, ou seja, analisar a microestrutura dos dicionários do tipo 2, a conclusão a que se chega é que cada uma das três obras analisadas tem pontos positivos e negativos que serão considerados na confecção de nossa proposta de dicionário temático infantil, além de outras análises posteriores.

5. Referências

AULETE, Caldas. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 496 p.

BIDERMAN, Maria Teresa C. **Dicionário ilustrado de Português**. São Paulo: Ática, 2004. 344 p.

_____. A Estrutura Mental do Léxico. In: **Teoria Lingüística**. Lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981, p. 131-145.

_____. O Dicionário padrão da língua. In. **A ciência da lexicografia**. In. ALFA: Revista de Lingüística. Universidade Estadual Paulista. São Paulo. V.28.Supl. Janeiro. 1984.

_____. **A face quantitativa da linguagem**: um dicionário de frequências de Português. Revista Alfa, São Paulo, v.2 (n.esp.), 1998.275p.

DAMIN, CRISTINA PIMENTEL; PERUZZO, MARINELLA STEFANI. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. In: XATARA, CLAUDIA, HUMBLE, PHILIPPE (eds.): **Tradução e lexicografia pedagógica**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 93-113, 2006 (= Cadernos de tradução XVIII).

GARRIGA, C. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In. A.M. Medina, Guerra (ed.), **Lexicografía española**, Ariel, Barcelona, pp. 103-126.

HAENSCH, G. et al. **La lexicografía: de la linguística teorica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gregos, 1982.

JÚNIOR, Saraiva. **Dicionário da Língua Portuguesa ilustrado**. São Paulo: Saraiva, 2005. 482 p.

KRIEGER, MARIA DA GRAÇA. Políticas públicas e dicionários para escola: O programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v.2, n.18, p.235-252, jul./dez.2006.

WELKER, H.A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. 2.ed. Brasília: Thesaurus, 2004. 301p.

ZAVAGLIA, C. **Dicionários infantis: uma análise de suas microestruturas**. 2010. 107 f. Estágio de pós-doutoramento. Universidade paulista Júlio de Mesquita filho. São José do Rio Preto. 2010.